

MINISTÉRIO DO
TRABALHO



BOLETIM ESPECIAL DO OBSERVATÓRIO

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



**Observatório Nacional
do Mercado de Trabalho**

APRESENTAÇÃO

NESTA EDIÇÃO

1. Introdução
2. Caracterização do emprego formal
3. Desocupação e Informalidade

Este Boletim é uma publicação informativa especial do Observatório Nacional do Mercado de Trabalho para o Dia da Consciência Negra. O presente informativo apresenta a sistematização dos principais indicadores relevantes para a análise de participação e inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho brasileiro, do ponto de vista da raça/cor declarada. Trazemos os dados estatísticos provenientes da base da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e de microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

1 | INTRODUÇÃO

O dia da Consciência Negra conta como um marco histórico do movimento negro na luta por direitos e resgate da memória cultural afro-brasileira. Retoma a luta contra o racismo na figura de Zumbi dos Palmares e nos cabe contextualizar a situação do negro no Brasil, refletir sobre como é dada a inclusão deste na sociedade brasileira e sobre as desigualdades que os assolam, principalmente no mercado de trabalho.

Embora a abolição da escravatura tenha ocorrido há cento e vinte e nove anos, a inserção do negro na sociedade e no mercado de trabalho ainda é marcada por desigualdades. De acordo com os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016, o Brasil tem cerca 206.081.432 habitantes e destes, 54% são pretos e pardos autodeclarados (soma considerada pelo IBGE). Embora o percentual seja superior ao índice populacional geral, isso não se reflete no mercado de trabalho. Os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) ainda nos traz a persistência de altas taxas de desemprego e informalidade entre pretos e pardos.

Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2016, trabalhadores pretos e pardos ganhavam aproximadamente 30% a menos que os trabalhadores brancos. A remuneração média de brancos foi de R\$2.899,86, e para pretos e pardos esse valor foi de R\$2.035,44. A desigualdade se intensifica quando algumas variáveis como raça e gênero se cruzam. Mulheres negras vivenciam essa realidade discriminatória dentro do mercado sendo duplamente vítimas.

Ainda que permaneça a diferença entre pretos e pardos com relação ao trabalhador branco na participação no mercado de trabalho formal celetista, o Boletim mostra que a diferença no estoque desses trabalhadores teve uma redução de 40% nos últimos seis anos.

Além disso, houve um significativo aumento nos índices que calculam o ingresso de negras e negros no ensino superior, e de acordo com dados divulgados pelo IBGE, entre 2005 e 2015 a inserção de negras e negros nas universidades sofreu um aumento de 7,3%.

Tais dados reiteram a importância da produção e análise de dados sobre o mercado de trabalho desagregados por raça/cor que possam subsidiar o desenho, implementação e avaliação de políticas públicas na área.

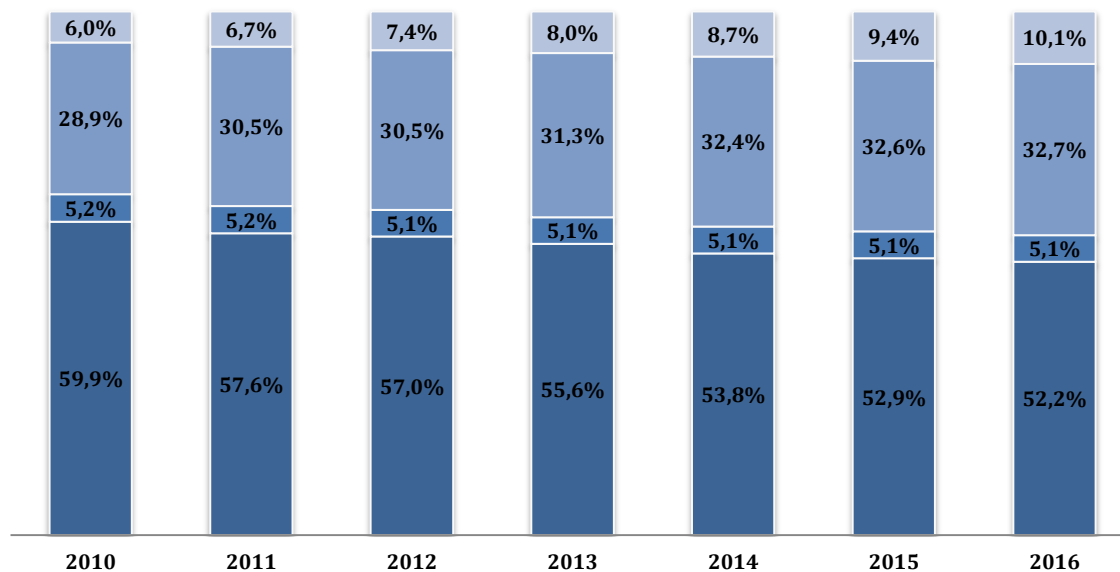
2|CARACTERIZAÇÃO DO EMPREGO FORMAL

Nesta seção, apresenta-se a caracterização do estoque de trabalhadores formais celetistas por raça ou cor, com vínculo ativo em 31/12 com base nos registros da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Foram traçadas a caracterização por recortes de gênero, faixa etária, escolaridade e setor de atuação.

Em 2016, 37,8% dos trabalhadores formais declararam ser pretos ou pardos. Na classificação outros, consideram-se amarelos, indígenas e trabalhadores que não tiveram sua raça e cor identificadas no registro da RAIS.

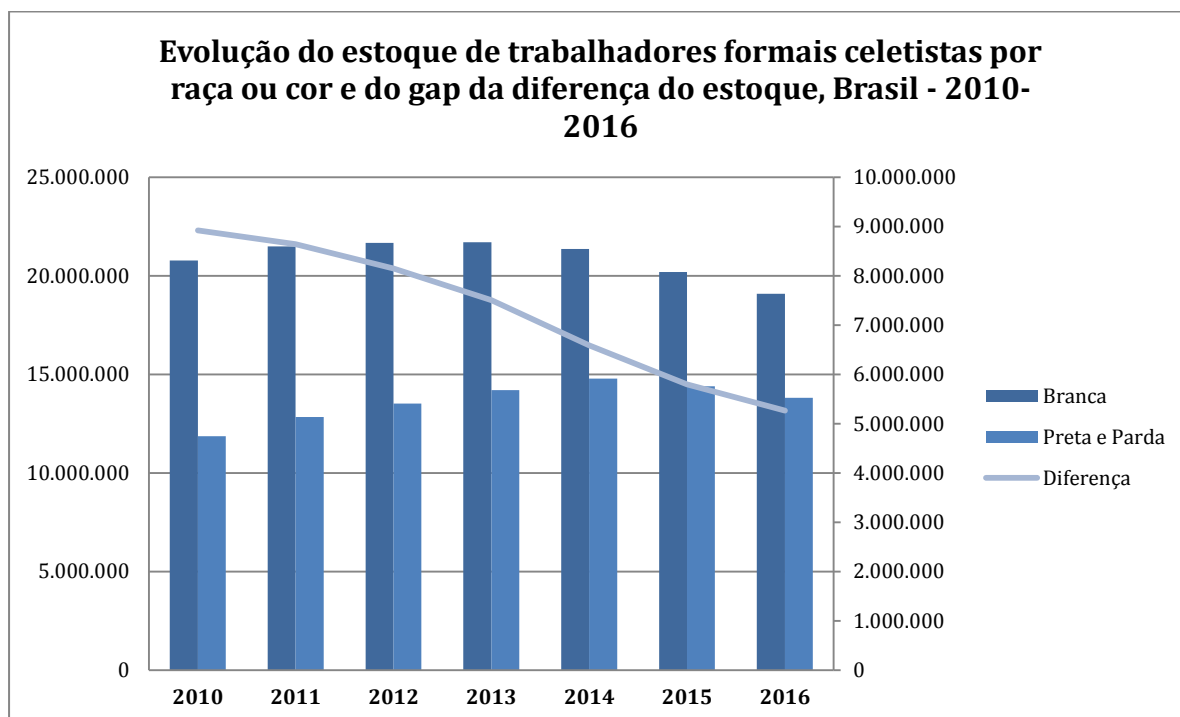
Participação no mercado trabalho formal por Raça ou Cor, Brasil - 2010-2016

■ Branca ■ Preta ■ Parda ■ Outros



Fonte: RAIS/MTb

Ainda que permaneça a diferença entre pretos e pardos com relação ao trabalhador branco na participação no mercado de trabalho formal celetista, o gráfico abaixo mostra que a diferença no estoque desses trabalhadores teve uma redução de 40% nos últimos seis anos.

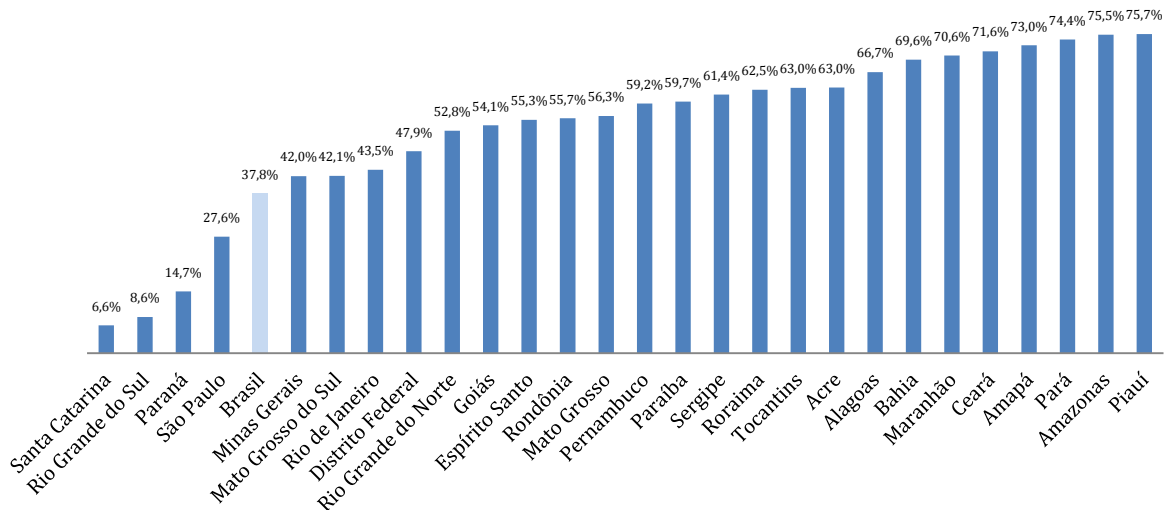


Fonte: RAIS/MTb

Ranking por Unidades da Federação e Gênero

Em 2016, Piauí, Amazonas e Pará foram os estados que apresentaram maior percentual de trabalhadores pretos e pardos no total de trabalhadores celetistas. Em contrapartida, a participação desses trabalhadores em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná foi muito pequena. Em Santa Catarina, onde se observa menor percentual de trabalhadores pretos e pardos no mercado de trabalho formal celetista, em relação ao total, a participação desses trabalhadores é de apenas 6,6%.

Participação de Pretos e Pardos no trabalho de mercado formal , Brasil e Unidades da Federação - 2016



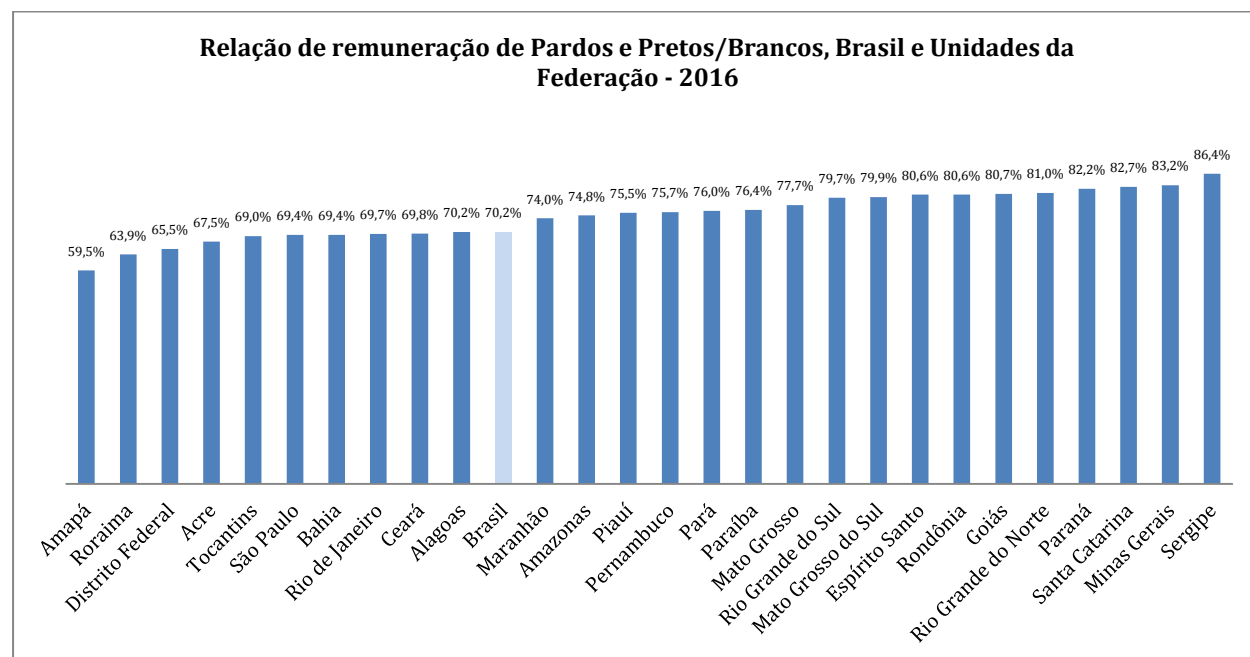
Fonte: RAIS/MTb

EM 2016, A PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES PRETOS E PARDOS NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL CELETISTA, EM RELAÇÃO AO TOTAL NO BRASIL, FOI DE 37,8%.

Em 2016 o trabalhador preto e pardo ganhava aproximadamente 30% a menos que o trabalhador branco. Enquanto a remuneração média de brancos foi de R\$2.899,86, para pretos e pardos esse valor foi de R\$2.035,44.

Interessante observar que apesar de no estado de Santa Catarina a participação de trabalhadores pretos e pardos ser pequena, este também é o estado onde se apresenta uma das menores diferenças de remuneração, ficando atrás apenas dos estados de Minas Gerais e Sergipe.

Relação de remuneração de Pardos e Pretos/Brancos, Brasil e Unidades da Federação - 2016



Fonte: RAIS/MTb

Pela tabela abaixo é possível verificar que a situação da mulher preta e parda é a mais sensível. O homem branco teve participação, em 2016, no total de trabalhadores no mercado formal celetista de 29,9%, seguido da participação do homem preto e pardo (23,5%), mulher branca (22,2%) e por fim, a mulher preta e parda, com participação de 14,3%. Conclui-se, então, que a posição da mulher ainda é a mais vulnerável nesse cenário.

A maior participação da mulher preta e parda é no estado do Amazonas (28,6%) e a menor foi observada em Santa Catarina, onde se teve apenas 2,6% de participação.

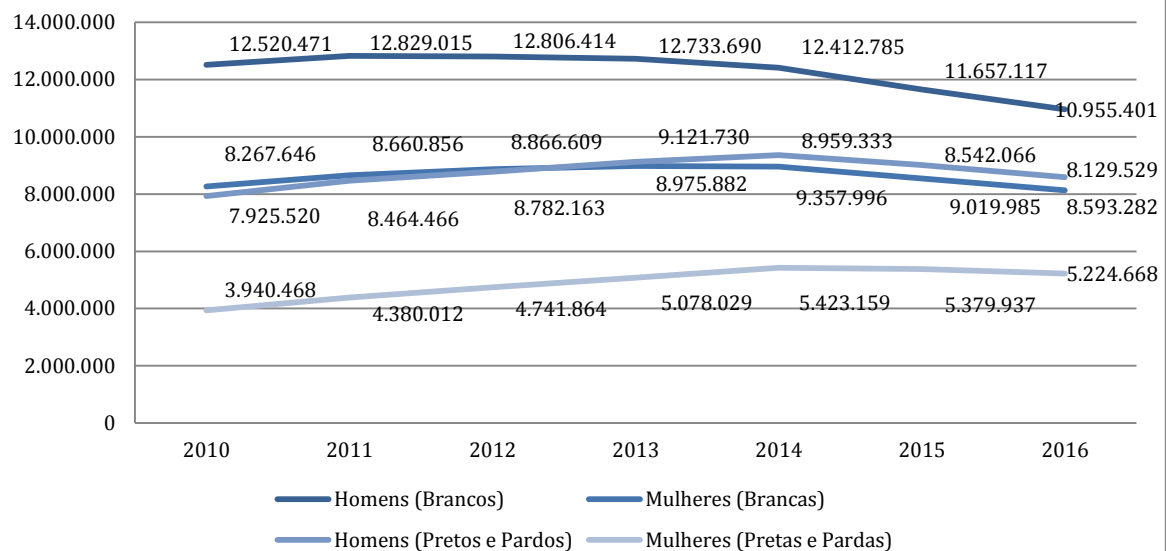
UF	Homens Pretos e Pardos	Homens Brancos	Mulheres Pretas e Pardas	Mulheres Brancas
Rondônia	33,8%	15,5%	21,9%	10,8%
Acre	37,4%	6,6%	25,6%	5,0%
Amazonas	47,0%	10,2%	28,6%	7,0%
Roraima	37,6%	8,0%	24,9%	6,2%
Pará	50,7%	11,1%	23,7%	6,2%
Amapá	44,8%	6,7%	28,2%	5,8%
Tocantins	42,3%	11,2%	20,7%	6,8%

Maranhão	45,9%	12,4%	24,8%	9,0%
Piauí	47,4%	9,1%	28,3%	6,8%
Ceará	44,2%	12,4%	27,4%	8,8%
Rio Grande do Norte	33,9%	18,1%	18,9%	12,7%
Paraíba	40,2%	18,0%	19,4%	11,3%
Pernambuco	38,2%	17,8%	21,0%	11,9%
Alagoas	46,4%	11,0%	20,2%	7,0%
Sergipe	38,4%	16,1%	23,0%	10,3%
Bahia	43,1%	9,0%	26,5%	5,7%
Minas Gerais	26,2%	28,2%	15,8%	20,1%
Espírito Santo	34,4%	23,3%	21,0%	16,4%
Rio de Janeiro	26,7%	29,0%	16,7%	20,8%
São Paulo	16,5%	37,0%	11,1%	28,3%
Paraná	9,2%	41,6%	5,5%	30,5%
Santa Catarina	4,0%	41,5%	2,6%	32,3%
Rio Grande do Sul	5,2%	45,0%	3,4%	35,6%
Mato Grosso do Sul	27,4%	25,5%	14,7%	16,5%
Mato Grosso	37,1%	17,1%	19,2%	10,4%
Goiás	34,1%	20,9%	20,0%	14,3%
Distrito Federal	27,0%	22,8%	20,8%	18,2%

Tabela 1 - Participação por Raça/Cor e gênero no total de trabalhadores no mercado formal celetista, Brasil e Unidades de Federação - 2016.
Fonte: RAIS/MTb

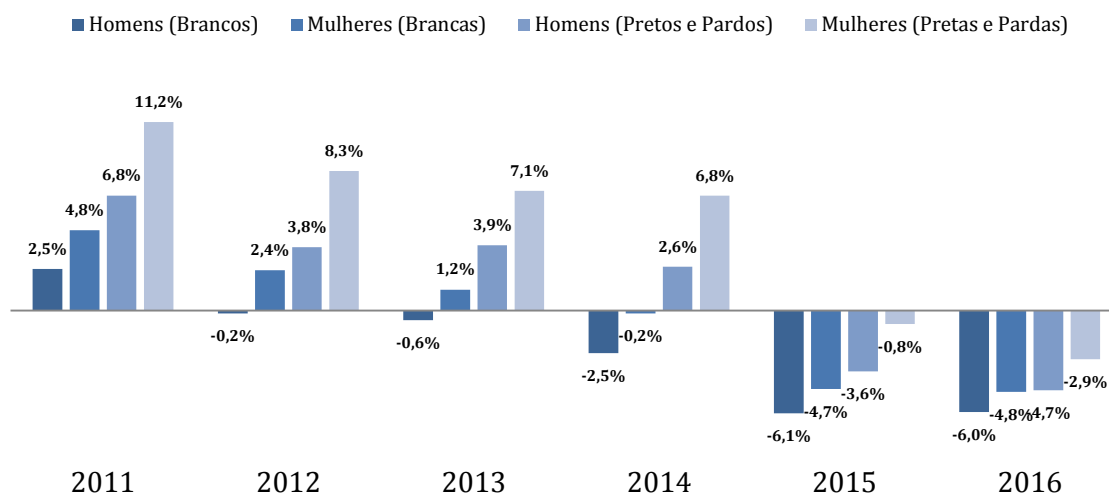
No gráfico abaixo, pode-se observar a evolução do estoque de trabalhadores formais celetistas por raça/cor e sexo entre os anos de 2010 a 2016. Em 2016, houve um declive no estoque de empregos, em relação ao ano anterior, tanto para homens quanto para mulheres, sendo que a maior queda é observada no estoque de trabalhadores homens brancos (-6%) e a menor para mulheres pretas e pardas (-2,9%), como mostra o gráfico da variação relativa.

Evolução do número de empregos formais celetistas por Raça/Cor e Sexo, Brasil - 2010 a 2016



Fonte: RAIS/MTb

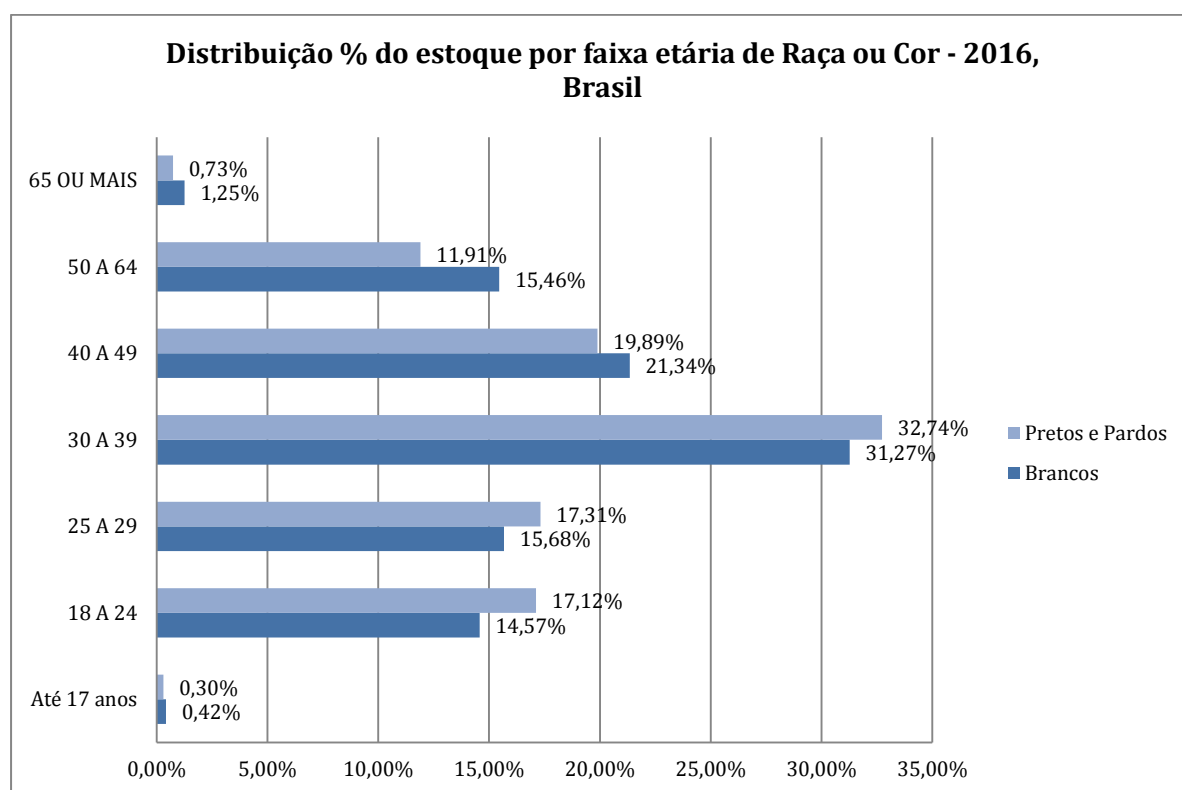
Variação anual do número de empregos formais celetistas por raça/cor e sexo - 2012 a 2015



Fonte: RAIS/MTb

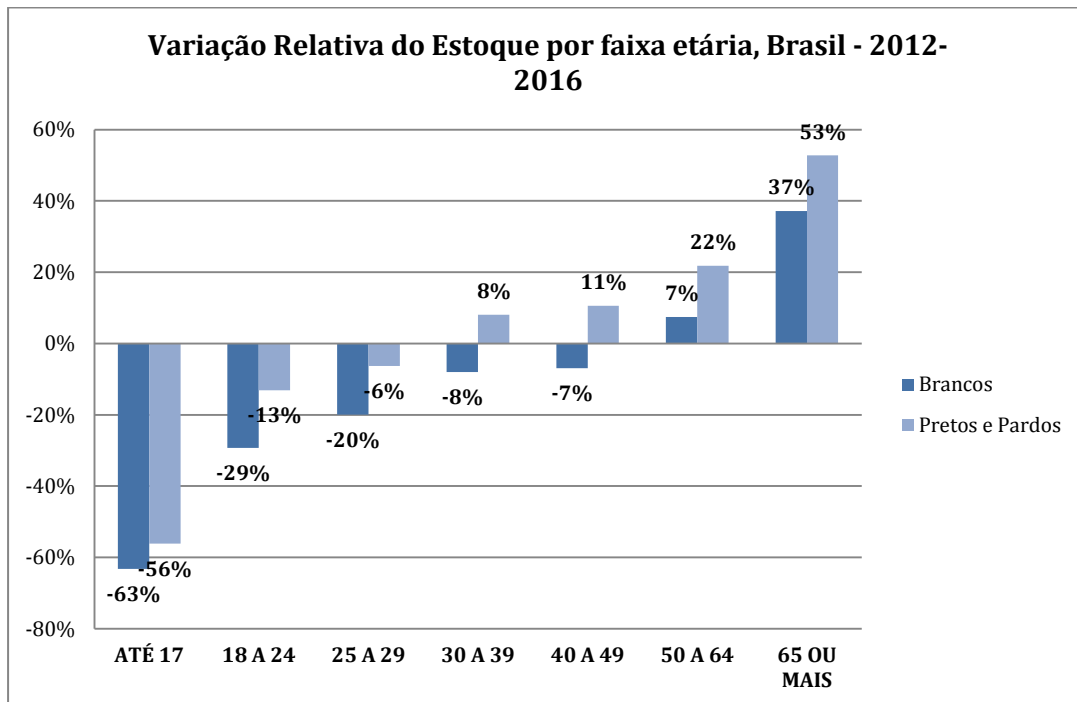
Faixa Etária

No que se refere ao estoque de trabalhadores formais celetistas por faixa etária, observa-se maior concentração de trabalhadores na faixa de 30 a 39 anos.



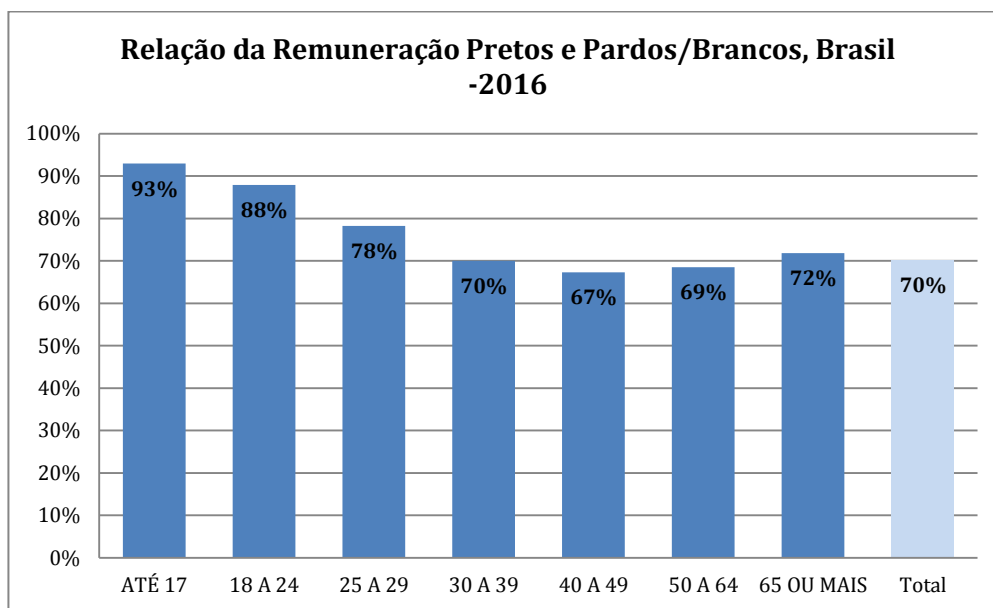
Fonte: RAIS/MTb

Além disso, observa-se crescimento maior do número de trabalhadoras na faixa de 65 anos ou mais. Importante destacar a variação positiva dos trabalhadores pretos e pardos, indicando um aumento dos trabalhadores formais celetistas a partir da faixa de 30 a 39 anos.



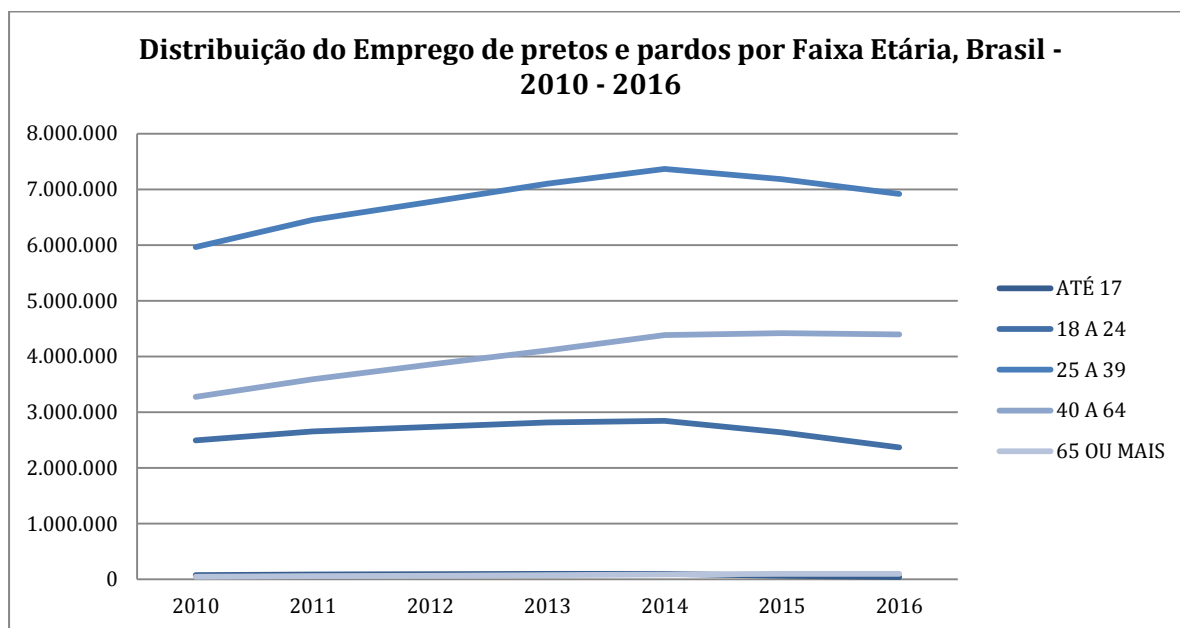
Fonte: RAIS/MTb

O maior diferencial de remuneração entre pretos e pardos e brancos está na faixa etária de 40 a 49 anos de idade. Nesta faixa, os trabalhadores pretos e pardos recebiam 67% da remuneração dos brancos. A menor diferença é observada nas faixas mais jovens.



Fonte: RAIS/MTb

É possível notar um aumento, ao longo dos anos de 2010 a 2016, dos trabalhadores pretos e pardos na faixa etária entre 40 a 64 anos no mercado de trabalho formal celetista. Das pessoas até 17 anos e as de 65+, os números não apresentaram grandes alterações. Os números de vínculos ativos de pessoas de 18 a 24 revelam uma queda de -17% a partir de 2014. Na faixa de 25 a 39 anos houve uma queda de -6% em 2016 em relação a 2014.

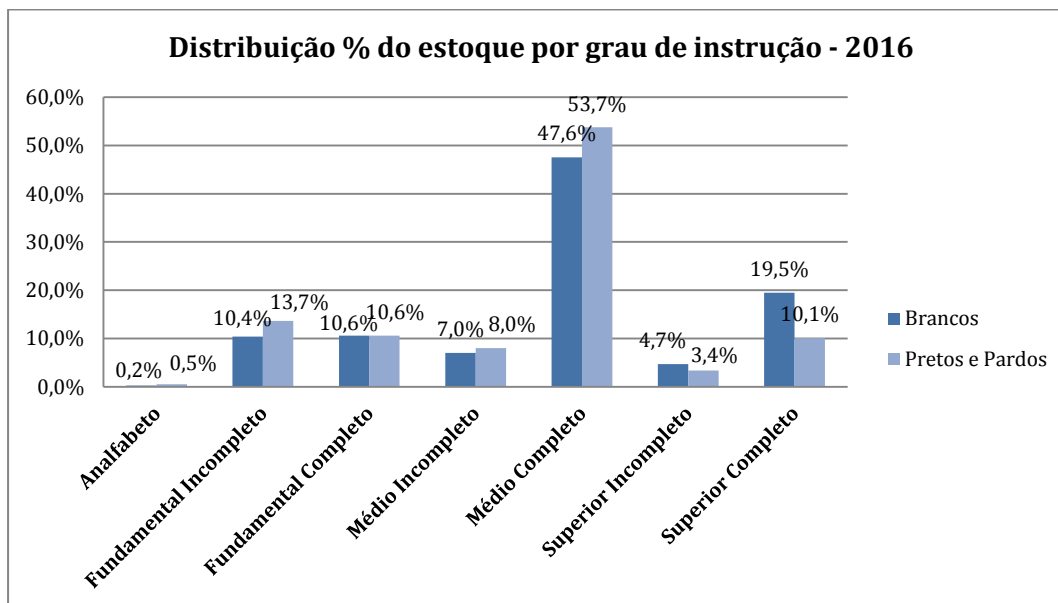


Fonte: RAIS/MTb

Escolaridade

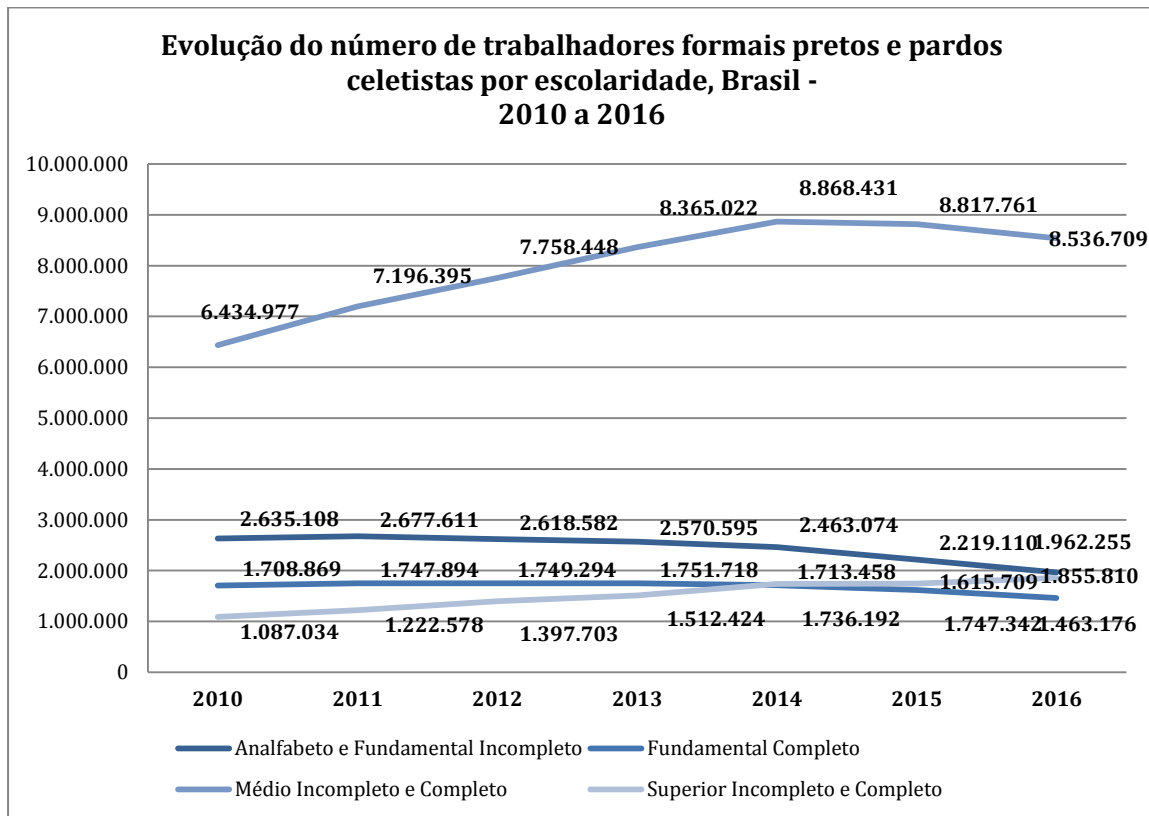
Em relação à escolaridade, observa-se que a maioria dos trabalhadores celetistas pretos e pardos tem o ensino médio completo (53,7%). Seguido por Fundamental Incompleto (13,7%) e Fundamental Completo (10,6%).

Esse cenário se repete para os trabalhadores brancos, cuja concentração também se encontra para escolaridade de nível médio completo. Observa-se, ainda, que para trabalhadores com superior completo a porcentagem é maior para brancos (19,5%) sendo que dos trabalhadores pretos e pardos, apenas 10% possuem superior completo.



Fonte: RAIS/MTb

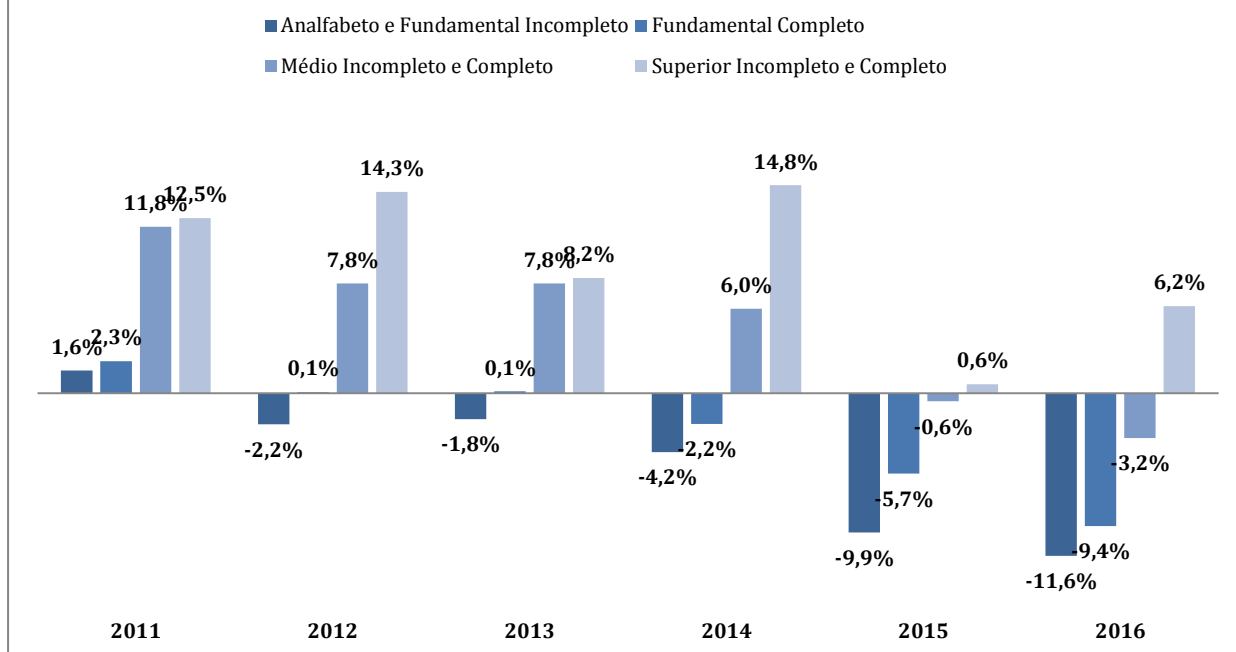
Pela evolução do estoque dos trabalhadores pardos e pretos, é possível ver que o grau de instrução referente a superior incompleto ou completo aumentou ao longo dos anos de 2010 a 2016, esse aumento só é observado para essa escolaridade, nas outras faixas, a variação relativa de 2016 com o ano anterior foi negativa.



Fonte: RAIS/MTb

Em 2016, com relação ao ano anterior, houve um aumento de 6,2% no estoque de trabalhadores pretos e pardos com superior incompleto ou completo com referência ao ano anterior. A maior queda observa-se no estoque de analfabetos ou com fundamental incompleto, onde se teve uma queda de -11,6%.

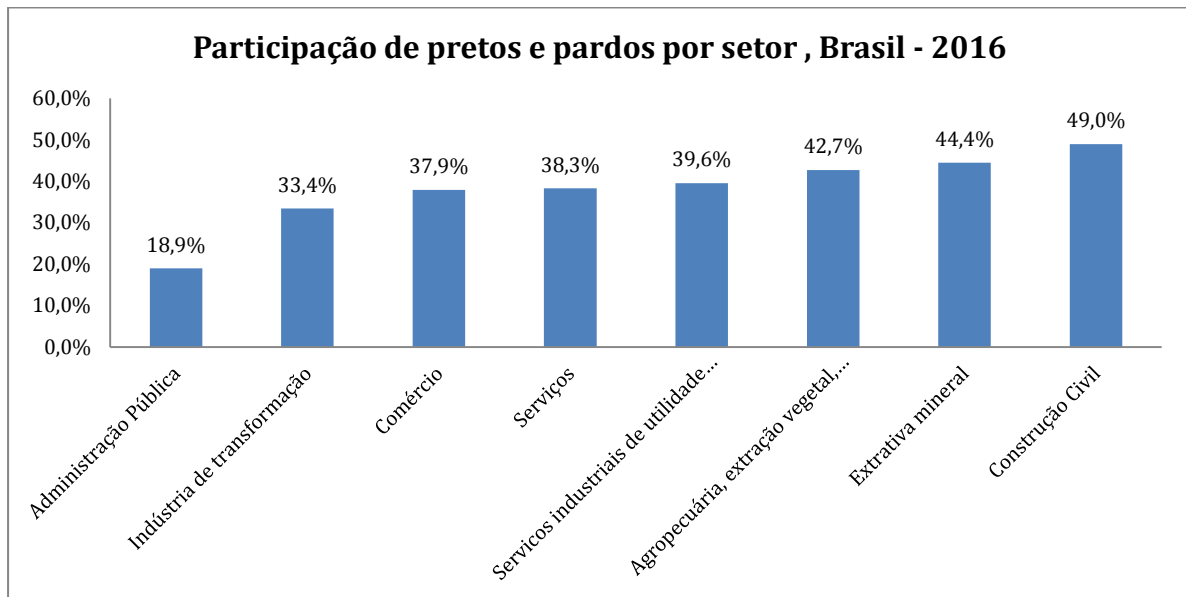
Varição relativa do número de empregados pretos e pardos formais celestistas por escolaridade, Brasil - 2011 a 2016



Fonte: RAIS/MTb

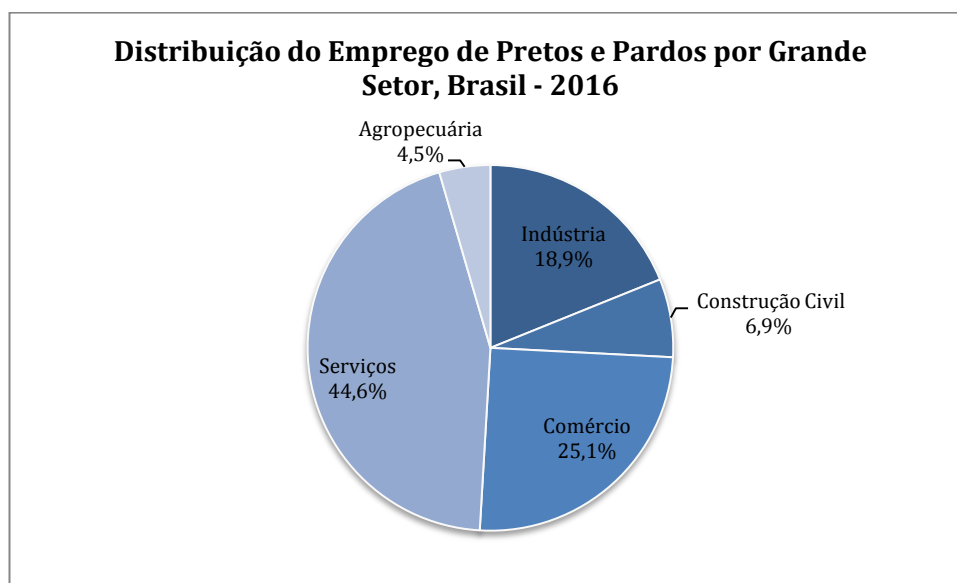
Setorial

Do total de trabalhadores do setor da Construção Civil, em 2016, quase metade (49%) se referia a pretos e pardos. O segundo setor que esses trabalhadores mais participam é o de Extrativa Mineral (44,4%) seguido da Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca (42,2%).



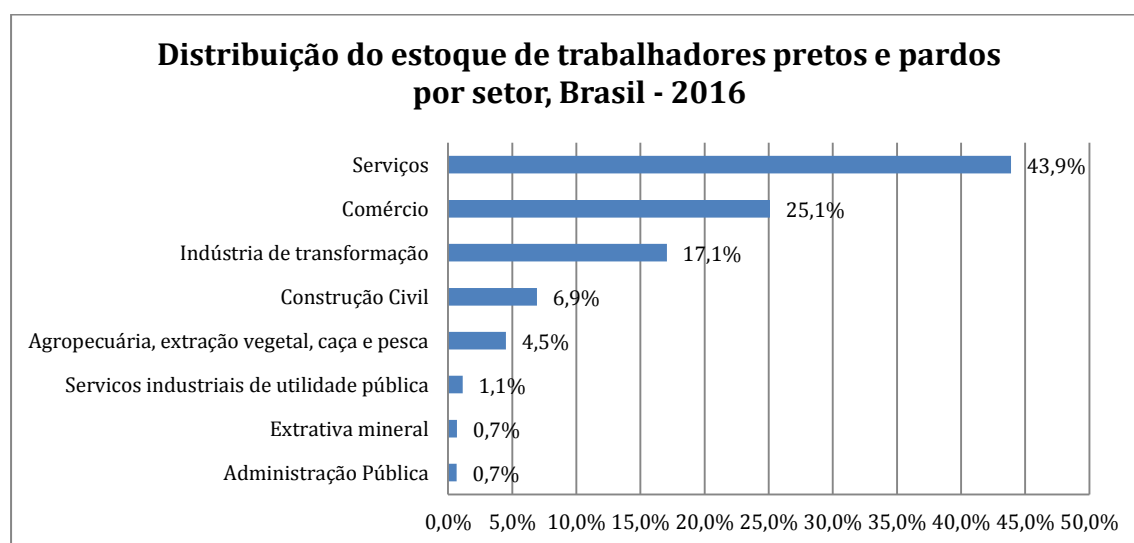
Fonte: RAIS/MTb

Considerando a distribuição dos vínculos ativos no mercado formal por grandes setores no ano de 2016, observa-se pelo gráfico abaixo que a maioria das pessoas pretas e pardas se encontrava no setor de serviços (44,6%) e no comércio (25,1%).



Fonte: RAIS/MTb

Em relação ao setor de atividade, do total de trabalhadores pretos e pardos no mercado de trabalho formal celetista, 43,9% estão no setor de serviços, enquanto apenas 0,7% estão no setor de Extrativa Mineral e de Administração Pública.



Fonte: RAIS/MTb

De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do IBGE, em 2016, os pretos e pardos estavam mais concentrados no Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, seguido por Indústrias de Transformação e Atividades Administrativas e Serviços Complementares.

CNAE 2.0 Seção	2016		2012		Variação	
	Branco	Pretos e Pardos	Branco	Pretos e Pardos	Branco	Pretos e Pardos
COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	4.665.869	3.444.504	5.212.322	3.172.598	-10,5%	8,6%
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	3.877.251	2.217.602	4.746.804	2.381.663	-18,3%	-6,9%
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES	1.728.588	1.937.400	1.980.916	1.783.539	-12,7%	8,6%
CONSTRUÇÃO	828.919	1.017.377	1.235.319	1.496.944	-32,9%	-32,0%
TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	1.178.147	936.474	1.309.537	878.021	-10,0%	6,7%

SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS	1.128.958	774.406	1.066.435	580.587	5,9%	33,4%
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	888.432	749.373	953.068	642.496	-6,8%	16,6%
AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA	706.620	629.305	771.972	612.965	-8,5%	2,7%
EDUCAÇÃO	976.374	501.802	933.646	394.871	4,6%	27,1%
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	559.358	365.048	645.294	366.015	-13,3%	-0,3%
ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	572.863	305.802	641.356	312.409	-10,7%	-2,1%
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	503.893	242.315	569.424	220.349	-11,5%	10,0%
ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS	615.139	200.735	641.024	178.497	-4,0%	12,5%
ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO	143.549	130.612	149.235	123.886	-3,8%	5,4%
INDÚSTRIAS EXTRATIVAS	100.954	96.996	125.114	108.870	-19,3%	-10,9%
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	314.059	92.184	395.069	121.404	-20,5%	-24,1%
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO	132.291	83.949	133.904	69.748	-1,2%	20,4%
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS	77.827	48.000	75.706	40.253	2,8%	19,2%
ELETRICIDADE E GÁS	80.808	40.818	82.006	36.114	-1,5%	13,0%
ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS	3.234	1995	2.373	1214	36,3%	64,3%
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	1.797	1253	2.499	1584	-28,1%	-20,9%

Tabela 2 – Estoque de trabalhadores por Seção CNAE, Brasil – 2012-2016.
Fonte: RAIS/MTb

Perfil Ocupacional

No que se refere à ocupação, a maior concentração de pretos e pardos no mercado de trabalho formal celetista em 2016 estava nas ocupações de Vendedor de Comércio Varejista, Faxineiro e Auxiliar de Escritório. As 30 ocupações com maior estoque desses trabalhadores em 2016 é apresentada abaixo:

CBO 2002 (+30)	Estoque de trabalhadores Pretos e Pardos (2012)	Estoque de trabalhadores Pretos e Pardos (2016)	Var. %
VENDEDOR DE COMERCIO VAREJISTA	705.247	679.897	-3,6%

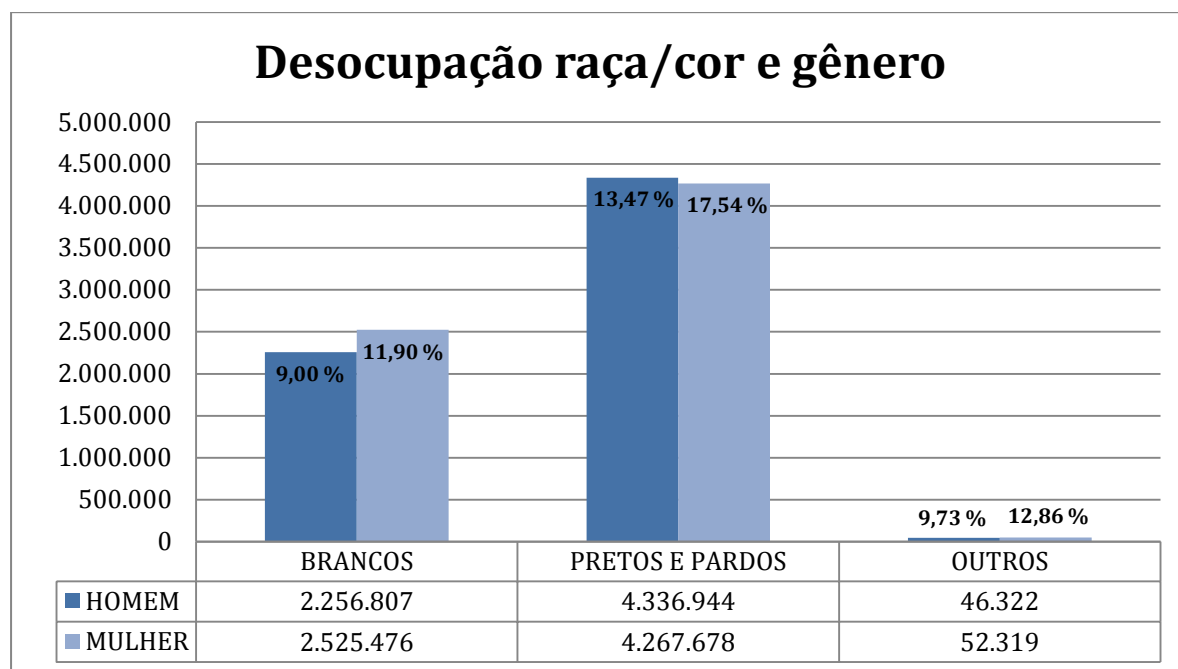
FAXINEIRO	409.089	563.087	37,6%
AUXILIAR DE ESCRITORIO, EM GERAL	504.854	473.245	-6,3%
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	333.044	374.946	12,6%
OPERADOR DE CAIXA	306.063	351.221	14,8%
ALIMENTADOR DE LINHA DE PRODUÇÃO	297.935	306.247	2,8%
VIGILANTE	297.158	292.653	-1,5%
MOTORISTA DE CAMINHÃO (ROTAS REGIONAIS E INTERNACIONAIS)	266.984	289.648	8,5%
SERVEANTE DE OBRAS	499.299	279.580	-44,0%
PORTEIRO DE EDIFÍCIOS	207.025	248.969	20,3%
REPOSITOR DE MERCADORIAS	171.160	217.246	26,9%
OPERADOR DE TELEMARKETING ATIVO E RECEPTIVO	104.341	207.491	98,9%
COZINHEIRO GERAL	187.387	184.712	-1,4%
RECEPCIONISTA, EM GERAL	165.870	181.299	9,3%
TECNICO DE ENFERMAGEM	116.695	180.810	54,9%
ALMOXARIFE	152.265	167.806	10,2%
TRABALHADOR DE SERVIÇOS DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS	200.547	165.897	-17,3%
ATENDENTE DE LANCHONETE	137.982	157.284	14,0%
PEDREIRO	213.835	145.542	-31,9%
TRABALHADOR AGROPECUARIO EM GERAL	131.670	136.965	4,0%
AJUDANTE DE MOTORISTA	125.035	124.094	-0,8%
MOTORISTA DE ONIBUS URBANO	112.263	120.299	7,2%
AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO	54.555	112.552	106,3%
SUPERVISOR ADMINISTRATIVO	86.840	105.141	21,1%
TRABALHADOR DA CULTURA DE CANA-DE-ACUCAR	149.499	104.169	-30,3%
FRENTISTA	84.149	99.573	18,3%
VIGIA	110.101	95.571	-13,2%
ZELADOR DE EDIFÍCIO	97.302	92.478	-5,0%
TRABALHADOR DA MANUTENÇÃO DE EDIFICAÇÕES	97.855	88.499	-9,6%
ARMAZENISTA	68.705	82.441	20,0%
GERENTE ADMINISTRATIVO	67.798	81.124	19,7%

Tabela 3 – 30 Ocupações com maior estoque de trabalhadores pretos e pardos, Brasil - 2016.
Fonte: RAIS/MTb

3 | DESOCUPAÇÃO E INFORMALIDADE

Desocupação por raça, cor e gênero.

Com base nos registros da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do segundo trimestre de 2017, mulheres pretas e pardas possuem taxa de desocupação de 17,54%, 5,64% superior à taxa de mulheres brancas e 8,54% superior à taxa de desocupação de homens brancos.



Fonte: PNADC IBGE.

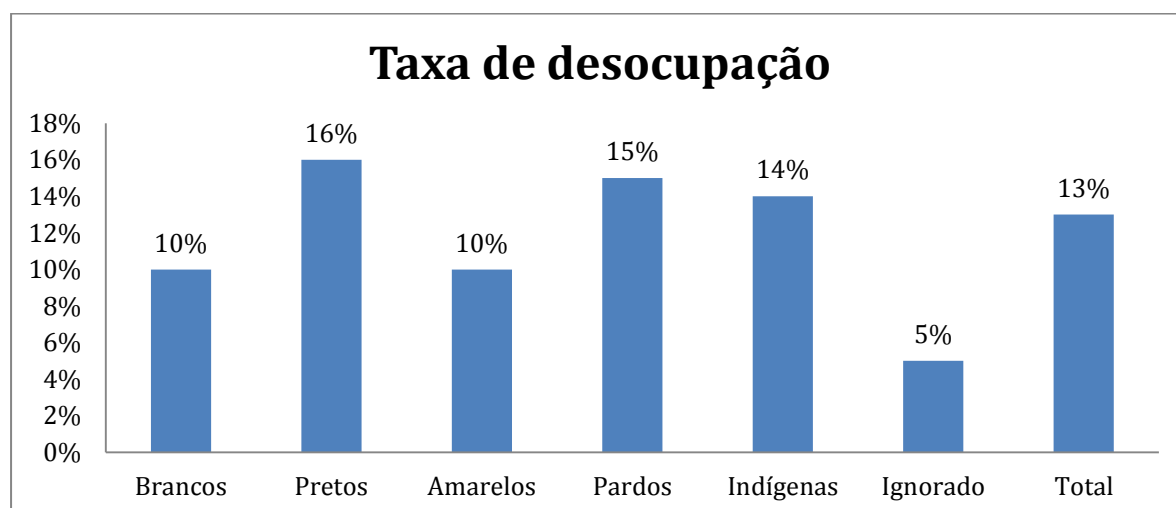
Ranking de Desocupação por Unidades de Federação e Taxa de Desocupação

Ao extrair os dados de desocupação do cruzamento das variáveis de raça e cor por Unidades de Federação, concluímos que São Paulo lidera o ranking de desocupação tanto para brancos como para pretos e pardos. Alagoas e Minas Gerais ocupam os segundo e terceiro lugares na colocação de desocupação de pretos e pardos, com 1.099.352 (um milhão noventa e nove mil trezentos e cinquenta e dois) e 940.347 (novecentos e quarenta mil trezentos e quarenta e sete). A seguir apresentamos o gráfico das taxas de desocupação por raça e cor, onde pretos, pardos e brancos revelam taxas de 16%, 15% e 10% respectivamente.

UF	BRANCOS	UF	PRETOS E PARDOS	RANKING
São Paulo	1.742.417	São Paulo	1.585.658	1º
Rio de Janeiro	444.008	Alagoas	1.099.352	2º
Minas Gerais	411.072	Minas Gerais	940.347	3º
Rio Grande do Sul	374.608	Maranhão	878.015	4º
Paraná	326.459	Rio Grande do Norte	574.200	5º
Santa Catarina	211.810	Amazonas	401.387	6º
Pernambuco	186.119	Espírito Santo	359.757	7º
Bahia	162.810	Rio Grande do Sul	324.427	8º
Ceará	116.743	Sergipe	287.408	9º
Goiás	108.954	Santa Catarina	240.288	10º
Espírito Santo	80.336	Pará	200.021	11º
Rio Grande do Norte	74.459	Pernambuco	196.628	12º
Maranhão	66.636	Rio de Janeiro	172.169	13º
Pará	65.680	Paraná	163.701	14º
Paraíba	64.894	Mato Grosso	153.060	15º
Distrito Federal	61.653	Mato Grosso do Sul	152.666	16º
Alagoas	48.952	Bahia	134.111	17º
Mato Grosso do Sul	47.280	Piauí	128.426	18º
Amazonas	40.830	Ceará	123.185	19º

Piauí	39.777	Paraíba	104.777	20°
Mato Grosso	36.133	Distrito Federal	74.834	21°
Sergipe	18.993	Goiás	70.749	22°
Rondônia	18.528	Tocantins	67.097	23°
Tocantins	12.811	Rondônia	58.723	24°
Amapá	8.262	Amapá	52.679	25°
Acre	6.858	Acre	42.974	26°
Roraima	5.202	Roraima	15.858	27°
Total	4.782.283	Total	8.602.498	

Tabela 1 - Desocupação por Raça/Cor no total de trabalhadores do Brasil por Unidades de Federação - 2º trimestre 2017.
Fonte: PNADC IBGE.

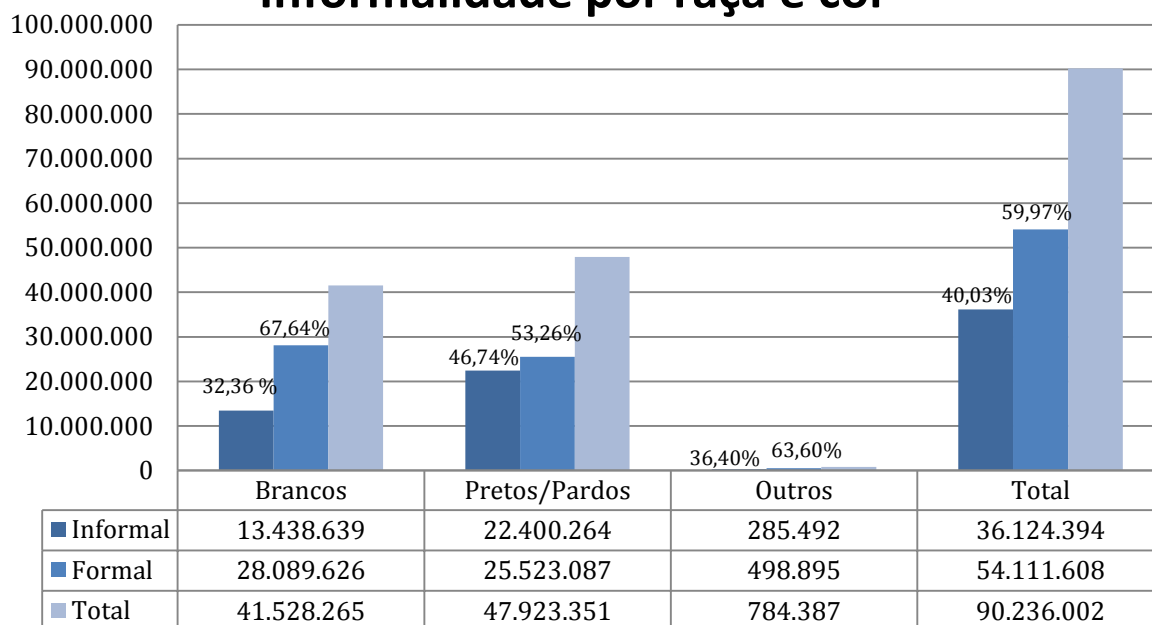


Taxa de desocupação por Raça/Cor - 2º trimestre 2017.
Fonte: PNADC IBGE.

Índices de Informalidade por raça e cor

De acordo com o gráfico a seguir é possível inferir que pretos e pardos são maioria no mercado de trabalho informal, assim como são minoria no mercado formal, mas nesse caso a diferença não é tão significativa quanto no primeiro caso.

Informalidade por raça e cor



Informalidade por Raça/Cor - 2º trimestre 2017
Fonte: PNADC IBGE.